

1. Introdução

Em busca de Luiz Sérgio Person

Os anos de 1960 foram culturalmente efervescentes. Especialmente no Brasil, no âmbito cinematográfico, aconteceram movimentos cruciais, como o Cinema Novo, *cinema de autor*, Cinema do Lixo e cinema do Terceiro Mundo. Nesse cenário, surge o cineasta paulista Luiz Sérgio Person (1936-1976) que passou rapidamente pela cena cultural brasileira deixando uma marca incomum. Sua breve obra cinematográfica, pouco conhecida pelas novas gerações, inaugura no cinema brasileiro moderno uma temática inteiramente nova sobre os dramas nacionais. Até então, o cinema esteve debruçado sobre a problemática do sertão no ambiente rural e da favela nas grandes cidades. Person desloca o foco para as contradições da classe média urbana, igualmente vítima do modelo de desenvolvimento econômico adotado no país. Na contramão de seu tempo, Person também fez forte oposição ao movimento cinemanovista, provocando polêmicas que recuperavam a chanchada carioca, flertavam com as produções da Boca do Lixo e estimulavam o cinema de horror de Zé do Caixão. Tais manifestações eram desprestigiadas pelo grupo hegemônico do cinema brasileiro na época. No entanto, Person foi um dos únicos a enxergar nessas tendências uma forma de conquistar o público, assim estabelecia um confronto com o Cinema Novo, apontando a causa que provocaria, em sua opinião, a falência do movimento: a elitização. Das provocações do cineasta emergem os debates em torno do nacional-popular que enriqueceram um dos períodos mais férteis do cinema brasileiro conforme veremos mais adiante.

O primeiro contato que tive com o trabalho de Person foi através do filme *São Paulo S.A.* No começo de 2003, assisti-o pela primeira vez, suas imagens revelavam um olhar sobre o Brasil que me conduziu ao presente estudo. O mergulho na obra de Person, portanto, permite conhecer um pouco mais sobre o país na época em que cultura e política estavam profundamente imbricadas.

Logo no início da pesquisa, descobri que uma de suas filhas, a apresentadora da MTV, Marina Person, estava realizando um documentário sobre o pai.

Conseguí com o cineasta Maurice Capovilla uma fita única em VHS ainda não finalizada que tomei como ponto de partida.

O documentário *Person* (1999) conta a história de Marina que aos sete anos de idade, perde o pai em um acidente automobilístico. Mais do que resgatar um lugar devido à obra de *Person* na cinematografia nacional, o documentário visa recuperar a memória afetiva do pai. O propósito de encontrar algo que foi interrompido precocemente insere o filme numa categoria recentemente denominada por Jean Claude Bernardet de *documentário de busca*.

Não estranha que Bernardet considere o termo impreciso, afinal todo documentário não deixa de ser uma busca, uma investigação, o registro de uma experiência que resulta em descobertas. No entanto, o crítico aponta uma particularidade nos documentários que empreendem uma busca pessoal do diretor. Nessas narrativas, o autor se torna o personagem, ganhando características específicas encontradas nas autobiografias.

Os *documentários de busca* se voltam naturalmente para o passado, remetendo desta forma, ao pensamento de Walter Benjamin sobre o abalo das narrativas ocorrido na passagem para o século XX. A reflexão de Benjamin a respeito da memória, experiência, identidade, morte e subjetividade parece explicar o surto da produção dos *documentários de busca* ao mesmo tempo em que revela seu aspecto mais marcante: o desafio de encontrar referenciais na nossa época. Na verdade, a tendência desse tipo específico de documentário surge como uma espécie de resistência à fugacidade da vida moderna. A luta contra a morte das narrativas renunciada pelo filósofo envolve mudar o enfoque da atualidade que nos obriga a olhar sempre para o futuro. As buscas, ao contrário, dirigem o olhar para o que ficou para trás. Essa postura implica em alterar o ritmo de vida, notadamente acelerado do nosso tempo. Ao revalorizar as tradições redimensionamos nossa existência. Para Benjamin a concepção de tempo não se encontra somente no passado, tampouco se volta exclusivamente para o futuro. Em lugar de uma visão historicista ou futurista, encontramos na experiência o conceito central de sua filosofia, “a presença do passado no presente e o presente que já está lá, prefigurado no passado.”(1996,p.15). Assim, integrando o processo de desenvolvimento do tempo ao ato de contar histórias, o documentário *Person* constrói sua narrativa.

Na primeira parte do trabalho será possível acompanhar, através da evolução do documentário, os deslocamentos das fronteiras entre ficção e não-ficção. O desejo de realidade do documentário expõe a crise de identidade do gênero. Encontramos na oposição entre documentário e ficção a origem dessa questão. Se de um lado as narrativas de caráter ficcional estão livres das provas, pois nascem com o intuito de inventar, ao contrário, o documentário, a biografia e o jornalismo estão vinculados à realidade objetiva, nesses casos a “verdade” determina o valor do trabalho. Nota-se, contudo, que a diluição dos limites entre os gêneros é um tendência que levou Jean-Luc Godard a proferir a máxima: “Todos os grandes filmes de ficção tendem ao documentário, assim como todos os grandes documentários tendem à ficção.” (Mourão e Labaki (orgs), 2005 p. 169.). Já o crítico americano Bill Nichols é categórico ao afirmar que “todo filme é um documentário”.(Nichols, 2001 p. 1.). No que se refere ao documentário *Person*, como será possível acompanhar, as duas correntes estão profundamente sobrepostas. A análise procura entender ainda os aspectos que levam ao surgimento do *documentário de busca* identificando as categorias narrativas concebidas por Benjamin presentes no documentário *Person*.

Seguindo o enquadramento determinado pelo filme de Marina, o estudo se debruça sobre a trajetória do cineasta paulista. A formação e carreira profissional de Person que caminhou por diversos terrenos, além de diretor, foi ator na televisão e no cinema, trabalhou em publicidade e montou espetáculos teatrais. Sua inquietação artística produziu uma obra eclética, na qual se encontram filmes engajados politicamente, comédias e musicais. A independência de Person se deve ao fato dele ter sido também o produtor de todos os seus filmes e peças. Nesse sentido, os confrontos que promoveu giram em torno de uma incipiente política de produção e distribuição dos filmes nacionais. Nos anos de 1960 os agentes financiadores beneficiavam, sobretudo, os projetos do grupo cinemanovista. O documentário *Person* suscita o debate cultural e a formação do cinema brasileiro num de seus momentos mais promissores. A tônica dominante na última parte da pesquisa é, portanto, o percurso do Cinema Novo e sua relação com a obra de Person. Emergem daí as idéias que predominavam na cena cultural na década de 1960, como o debate a respeito do nacional-popular, da política de autor, da contracultura, do tropicalismo e do cinema marginal.

Os diálogos retirados do documentário *Person* aparecem separados do texto, semelhante à forma do hipertexto. No final do trabalho, no anexo, o documentário é reproduzido na íntegra, com a descrição e a decupagem da versão analisada.

Cabe acrescentar que o documentário *Person* levou oito anos para ser concluído. A versão analisada aqui [121'] é uma obra aberta, que ainda estava em processo de elaboração durante a realização da pesquisa. Por uma grande coincidência, o filme de Marina Person foi apresentado no *Festival É tudo verdade*, no Rio de Janeiro, no dia 30 de março de 2006, um dia antes da defesa da presente dissertação. Portanto, o filme e a pesquisa caminharam em sincronia.

PERSON

Marina Person

Brasil-SP/ Brasil, 73'cor, 35mm, 2006

Fotografia **I** José Roberto Eliezer

Câmera **I** Rodrigo Toledo

Montagem **I** Sérgio Mekler, Cristina Amaral

Produção **I** Lauper filmes, Dezeno